

A andragogia como ferramenta na educação de jovens e adultos

Andragogy as a tool in youth and adult education

La andragogía como herramienta en la educación de jóvenes y adultos

Márcia Cicci Romero¹

Maria Cristina Santos de Oliveira Alves²

Sônia Maria dos Santos³

Resumo: Este artigo tem como objeto de estudo a andragogia e a EJA. O presente artigo tem por base uma metodologia exploratória e bibliográfica. O intuito foi analisar a importância da aprendizagem ao longo da vida como uma ferramenta de trabalho para a educação de jovens e adultos. Tanto os caminhos de uma quanto os de outra se entrelaçam na aprendizagem dos adultos, no sentido de que na EJA estão as pessoas que não tiveram oportunidades em ter uma educação em idade própria, e agora tem e assim sendo, caminham então para ter uma aprendizagem ao longo da vida, visto que a sua realidade, deverá ser levada em consideração na EJA, sobretudo colocando a realidade do aluno como ponto de partida.

Palavras-chave: Andragogia; alfabetização; educação de jovens e adultos.

Abstract: This article has as object of study andragogy and youth and adult education. This article is based on an exploratory and bibliographic methodology. The aim was to analyze the importance of lifelong learning as a working tool for youth and adult education. Both the paths of one and the other are intertwined in adult learning, in the sense that in the youth and adult education are people who did not have opportunities to have an education at their own age, and now have and, therefore, walk towards learning throughout life, since their reality should be taken into account in youth and adult education, especially placing the student's reality as a starting point.

Keywords: Andragogy; literacy; youth and adult education.

Resumen: Este artículo tiene como objeto de estudio la andragogía y la EJA. Este artículo se basa en una metodología exploratoria y bibliográfica. El objetivo fue analizar la importancia del aprendizaje permanente como herramienta de trabajo para la educación de jóvenes y adultos. Tanto los caminos de uno como del otro se entrelazan en el aprendizaje de adultos, en el sentido de que en EJA son personas que no tuvieron oportunidades de tener una educación a su edad, y ahora tienen y, por tanto, caminan hacia el aprendizaje a lo largo de la vida, ya que su realidad debe ser tenida en cuenta en EJA, sobre todo poniendo como punto de partida la realidad del estudiante.

Palabras clave: Andragogía; literatura; educación de jóvenes y adultos

O conceito de andragogia

Para Nogueira (2004, p. 3), “[...] a andragogia é conceptualizada como a arte e ciência de facilitar a aprendizagem dos adultos, derivada das palavras gregas *anêr* com a conjugação andr- (que significam Homem, não rapaz ou adulto)”. Para Alcoforado e Vieira (2007, p. 176)

¹ Universidade Federal de Uberlândia

² Universidade Federal de Uberlândia

³ Universidade Federal de Uberlândia

“A educação de pessoas adultas, entendida como elemento transformador das práticas cotidianas e como mecanismo de mudança social, poderá constituir-se como um contributo decisivo para esta mudança desejável”. Martins (2013) explica que Malcolm Knowles entendia que a andragogia é a arte ou ciência de orientar adultos a aprender. E que possuía cinco pilares, a saber:

O modelo andragógico baseia-se nos seguintes princípios:

1. Necessidade de saber: adultos carecem saber por que precisam aprender algo e qual o ganho que terão no processo.
2. Autoconceito do aprendiz: adultos são responsáveis por suas decisões e por suas vidas, portanto querem ser vistos e tratados, pelos outros, como capazes de se autodirigir.
3. Papel das experiências: para o adulto, suas experiências são a base de seu aprendizado. As técnicas que aproveitam essa amplitude de diferenças individuais serão mais eficazes.
4. Prontidão para aprender: o adulto fica disposto a aprender quando a ocasião exige algum tipo de aprendizagem relacionado a situações reais de seu dia a dia.
5. Orientação para aprendizagem: o adulto aprende melhor quando os conceitos apresentados estão contextualizados para alguma aplicação e utilidade.
6. Motivação: adultos são mais motivados a aprender por valores intrínsecos: autoestima, qualidade de vida, desenvolvimento (MARTINS, 2013, p.145-146).

A autora Nogueira (2004) explica as obras de Malcolm Knowles. As obras que estudavam o aprendizado de adultos, davam ênfase para que fossem de forma distinta ao da criança. Ela explica que a diferença entre o pedagogo e o andragogo é a forma de ensinar, isto é, o método pedagógico, visto que o andragogo tenta fazer com que seus alunos sejam os responsáveis paulatinamente pelo seu aprendizado. Ela explica o pensamento de Knowles ao afirmar que para ele, é uma atribuição ao facilitador de aprendizagem designar qual método é mais prudente para seus alunos, a depender da situação. Assim informa que quando são dependentes, que não possuem um conhecimento prévio sobre determinado assunto, quando não conseguem identificar a importância em aprender um conteúdo por não enxergar significado em seu dia a dia, nessa situação o modelo mais adequado ao aprendiz é o pedagógico. A Educação de Jovens e Adultos (EJA) propicia que os conhecimentos já adquiridos dos alunos, viabilizem o ensino-aprendizagem, ao possibilitar que os diálogos aconteçam. O adulto só consegue ter uma aprendizagem significativa quando o que aprende é algo que terá utilidade em sua vida, assim o professor precisa exercer o diálogo para que o adulto absorva o conhecimento.

Em relação ao facilitador de aprendizagem:

Knowles (1980) refere ainda que cabe ao facilitador da aprendizagem verificar quais os pressupostos adequados a uma dada situação. Quando os aprendentes são dependentes, quando não possuem experiência prévia na área, quando não compreendem a relevância de determinado conteúdo nas suas tarefas diárias, quando necessitam de acumular rapidamente conhecimentos para atingir certas performances; então o modelo pedagógico é o mais adequado (NOGUEIRA, 2004, p. 5).

Santos (2016, p. 39) explica a relação de Malcolm Knowles com a andragogia:

Sobre a Andragogia, a terminologia não é tão recente, foi utilizada pela primeira vez por Alexander Kapp em 1833. Contudo, um conjunto de conceitos sobre a educação de adultos foi introduzida mais tarde pelo americano Malcolm Knowles, sendo considerado precursor da Andragogia e baseava-se em um modelo andragógico pragmático, que contemplava um modelo pedagógico.

O autor acima compreende que todos os alunos são diferentes entre si e na andragogia a sua aprendizagem é distinta das crianças e adolescentes, tendo em vista que os adultos estão ali numa sala de aula por um motivo, desse modo, já existe uma motivação, tendo os adultos também experiências profissionais e de vida, sendo então conscientes de suas tomadas de decisões.

É o professor quem possui as habilidades e conhecimentos para diagnosticar as necessidades e deficiências de seus alunos, visto que o ato de ensinar não é levar o conhecimento para a sala de aula e sim melhorar e reconhecer os conhecimentos já adquiridos pelos alunos, assim é fundamental que exista uma adequação dos métodos de ensino de crianças e adolescentes para os adultos, levando em consideração os conceitos andragógicos na edificação de conhecimentos elaborados de forma coletiva, tomando como ponto de partida a realidade de vida dos alunos.(MARTINS, 2013). A autora continua explicando que a educação de adultos carece de outras formas de ensinar, principalmente também com a EJA.

Martins (2013) entende que os gostos pessoais de alunos adultos podem ser alterados durante o seu processo de alfabetização, pois a visão de mundo que antes lhe era familiar, ao aprender a ler e a escrever, com a sua compreensão então dessa nova realidade, lhe acarreta novos significados, com uma nova leitura de mundo. Ela identifica que pelos jovens e adultos já terem uma bagagem de conhecimentos ao longo de sua vida, precisam que o facilitador de aprendizagem/professor lhes direcionem para também agregar os saberes pretendidos no

currículo. A andragogia auxilia o profissional de educação dentro de uma sala de aula da EJA, preparando-o para a realidade dos alunos que possuem diferentes idades, assim é imprescindível que o professor saiba como é a vida de seu aluno para que possa a partir daí, elaborar as suas aulas para que tenham relevância em seu cotidiano.

Os adultos conseguem permanecer na escola quando a sua necessidade emergencial será atendida, para que consigam transformar a sua realidade, por esse motivo é tão importante que o professor parta de sua realidade para ministrar as aulas, fato também imprescindível para que ocorra a aprendizagem.

A importância do *life-long learning*

É nesse sentido que o *Life-Long Learning* surge, termo que significa *Aprendizagem ao longo da vida*. A aprendizagem ao longo da vida compreende que a educação acontece ao longo da vida de uma pessoa e não é aquela educação que possui início e final.

O conceito de Educação/Aprendizagem ao longo da vida, no mínimo, apresentava certas ambiguidades. Não poderia ser considerado um conceito 'neutro'. Era preciso saber de que educação e de que aprendizagem ao longo da vida se tratava. A educação sempre foi entendida como um processo que se dá ao longo de toda a vida, como a aprendizagem, e não um processo que se reduz à população jovem. O que é novo hoje é que o conceito de 'aprendizagem ao longo da vida' está se tornando uma ideia-força em torno da qual se estruturam as políticas públicas de educação, condicionando os currículos, a avaliação e o próprio sentido da educação em geral, reduzindo toda a educação a esse princípio estruturante (GADOTTI, 2016, p. 3).

Ainda a esse respeito, Delors (2012, p. 90) contribui:

Para poder dar resposta ao conjunto das suas missões, a educação deve organizar-se em torno de quatro aprendizagens fundamentais que, ao longo de toda a vida, serão de algum modo para cada indivíduo, os pilares do conhecimento: aprender a conhecer, isto é, adquirir os instrumentos da compreensão; aprender a fazer, para poder agir sobre o meio envolvente; aprender a viver juntos, a fim de participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas; finalmente aprender a ser, via essencial que integra as três precedentes. É claro que estas quatro vias do saber constituem apenas uma, dado que existem entre elas múltiplos pontos de contato, de relacionamento e de permuta.

A educação de jovens e adultos possui contribuição fundamental de Paulo Freire. A sua prática pedagógica transformadora baseava-se em levar a realidade do aluno em consideração,

a ter uma visão crítica do mundo. É importante que o professor na educação de jovens e adultos leve em consideração o passado de seu aluno, para que o mesmo possa ressignificá-lo, assim, por meio do diálogo, a aprendizagem de jovens e adultos ocorre quando o mesmo acontece, isto é, quando conseguem refletir criticamente sobre o assunto. Nesse sentido, podemos identificar aqui a semelhança com a andragogia que também leva em consideração a condição de vida do aluno.

Sobre a importância de Freire na educação de jovens e adultos, sobretudo, da alfabetização, Oliveira (2007, p. 3) esclarece:

Quando Paulo Freire, em Pernambuco, e Moacir de Góes, no Rio Grande do Norte, começaram a desenvolver seus trabalhos de alfabetização, fundamentados em métodos e objetivos que buscavam adequar o trabalho à especificidade dos alunos, começou a emergir a consciência de que alfabetizar adultos requeria o desenvolvimento de um trabalho diferente daquele destinado às crianças nas escolas regulares. As necessidades e possibilidades daqueles educandos exigiam o desenvolvimento de propostas adequadas a elas. Em virtude do caráter explicitamente político do trabalho de ambos, que reconheciam a educação como ato político por excelência, depois de um primeiro momento em que o governo de João Goulart encampou e propôs um Programa Nacional de Alfabetização fundamentado no então chamado 'Método Paulo Freire', a partir do golpe militar de 1964 procurou-se enterrar a proposta e sua lógica.

Paulo Freire foi deportado do Brasil e os militares no poder, em 1964, instituíram o projeto chamado de Mobral (Movimento Brasileiro de Alfabetização), porém não foi utilizado o método de Paulo Freire, que partia da realidade do aluno, com os temas geradores. O Mobral estava preocupado com a mão de obra do país, por esse motivo prometia que os cidadãos que dele participassem poderiam ter suas vidas transformadas para melhor. O analfabetismo então estava associado à razão do país não progredir e o adulto que não sabia ler e escrever, era o indivíduo marginalizado. Os militares não se preocuparam em continuar com o trabalho de Paulo Freire, de modo que os cidadãos pudessem conscientizar sobre a sua realidade, eles criaram um projeto assistencialista, para conter os números altos do analfabetismo na população adulta. O Mobral entendia que o seu público era aquele de baixo nível socioeconômico, que estavam marginalizados e caberia aos docentes alterar essa realidade. O projeto queria alfabetizar o maior número de pessoas em menor tempo possível. Se o método de Paulo Freire pretendia que o cidadão se conscientizasse sobre a sua realidade e fizesse a leitura do mundo, por outro lado, o Mobral tinha apenas o objetivo do seu aluno ser obediente, isto é, que não se rebelasse contra o governo e assim a ordem que imperava pudesse vigorar.

Os jovens e adultos que não tiveram a oportunidade de ter acesso à educação em idade escolar, precisam que sua educação seja constante/ permanente para que possam contribuir no seu preparo para o mercado de trabalho, como também exercer os seus direitos de cidadania. Não basta apenas garantir o acesso à educação, é preciso que a mesma seja ofertada com qualidade para que dê fato a aprendizagem ocorra de forma significativa e emancipadora, propiciando que o leque de opções de melhores condições de vida desses jovens e adultos seja maior. Nesse contexto, valorizar as experiências de vida desse aluno e sua realidade é assegurar uma educação que contemple a formação humana para a aprendizagem ao longo da vida. (SANTOS, 2016)

Frente ao mundo inter-relacionado, desigual e inseguro do presente, o novo paradigma da educação de jovens e adultos sugere que a aprendizagem ao longo da vida não só é um fator de desenvolvimento pessoal e um direito de cidadania (e, portanto, uma responsabilidade coletiva), mas também uma condição de participação dos indivíduos na construção de sociedades mais tolerantes, solidárias, justas, democráticas, pacíficas, prósperas e sustentáveis. A educação capaz de responder a esse desafio não é aquela voltada para as carências e o passado (tal qual a tradição do ensino supletivo), mas aquela que, reconhecendo nos jovens e adultos sujeitos plenos de direito e de cultura, pergunta quais são suas necessidades de aprendizagem no presente, para que possam transformá-lo coletivamente (DI PIERRO, 2005, p. 1119-1120).

Existe um elo que envolve a educação de jovens e adultos e a educação ao longo da vida. A EJA já vinha sendo abordada com a UNESCO e com os documentos oficiais do governo. A importância da educação ao longo da vida já vinha sendo discutida no V CONFITEA/1997, endossada pelo Parecer nº 11/2000 do Conselho Nacional de Educação, do qual atribuíu à EJA a atribuição de “atualização de conhecimentos por toda a vida” (VENTURA, 2013).

Rodrigues e Moura (2016) explicam que o mercado de trabalho carece de mão de obra qualificada, principalmente pelo avanço da tecnologia, assim sendo, a aprendizagem passou a ser o cerne das pesquisas. Ainda que existam milhões de adultos analfabetos, as pesquisas sobre essa problemática são poucas, tendo em mente que são adultos que não foram alfabetizados em idade própria e que são habilitados ao trabalho, o que causa um certo alvoroço negativo com a imagem do país no exterior. É diante esse contexto que a aprendizagem surge como a protagonista nas pesquisas em educação e a aprendizagem ao longo da vida é discutida.

A aprendizagem ao longo da vida significa que, se uma pessoa tem o desejo de aprender, ela terá condições de fazê-lo, independentemente de onde e

quando isso ocorre. Para tanto, é necessária a confluência de três factores: que a pessoa tenha a predisposição de aprendizagem, que existam ambientes de aprendizagens (centros, escolas, empresas, etc.) adequadamente organizados e que haja pessoas que possam auxiliar o aprendiz no processo de aprender (agentes de aprendizagem), para além de que esta aprendizagem deve ir ao encontro das necessidades do mercado de trabalho se quiser fazer face ao desemprego (SITOE, 2006, p. 287-288).

Os adultos que não conseguiram frequentar a escola e serem alfabetizados em idade própria, normalmente são aquelas pessoas que ficaram excluídas/ marginalizadas pela sociedade, pois não conseguiram ter as habilidades exigidas pela nova sociedade que vêm se desenvolvendo cada vez mais tecnologicamente. A aprendizagem ao longo da vida e a EJA andam de mãos dadas, no sentido de que se um adulto que não conseguiu ser escolarizado/alfabetizado em idade própria, ele procura os estudos enquanto adulto, significa que está a procura de uma nova oportunidade na vida, uma oportunidade para aprender, para ter melhores chances, principalmente àquelas ligadas à tecnologia, para ter as competências necessárias e solicitadas pelo mercado de trabalho.

Em relação ao mercado de trabalho, podemos refletir que a partir da época do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, em meados de 1920, que se preocupavam com uma educação laica, obrigatória e gratuita, o país preocupava-se em ter mão de obra qualificada e, que para progredir, não era aceitável que a sua população não soubesse ler e escrever, pois seria somente investindo em educação que o país poderia deixar a ruralidade para trás e conquistar a modernidade tão almejada.

Os autores Rodrigues e Moura (2016) alegam que a aprendizagem é uma exigência social, visto a realidade em que vivemos, e deve ser tão importante como a saúde e o lazer, para que o cidadão possa exercer os seus direitos de cidadania. Assim, explicam que as características de uma sociedade democrática compreendem realizações sociais e demandam que o adulto desenvolva certas capacidades para praticar a sua cidadania. Explicam ainda que para que a boa educação seja uma realidade para todos, é preciso que se torne uma obrigação de todos: mulheres e homens, jovens e adultos, independente de residirem no campo ou na cidade e de terem ou não a carteira assinada e ainda de serem autônomos ou não, pois diante da nossa realidade que intensifica cada vez mais uma globalização, demanda do cidadão uma aprendizagem ao longo da vida, que seja constante.

Para que todos possamos continuar vivendo nessa sociedade do conhecimento da qual somos bombardeados a todo momento com informações, ter uma aprendizagem significativa é

muito importante, pois é através da educação que os outros âmbitos da sociedade conseguem se desenvolver.

Almeida (2016) afirma que a educação de jovens e adultos é formada por elucubrações e artifícios que não ficam apenas nos espaços formais de escolarização, mas principalmente nos espaços não escolares. A educação de jovens e adultos forma também para que as pessoas tenham uma qualificação profissional, além de uma formação política e cultural, visando principalmente a emancipação humana, uma vez que a teoria e a prática são indissociáveis. A autora continua enfatizando que o foco da educação de jovens e adultos é ter como ponto de partida a realidade do seu público-alvo. Ela ainda destaca que foi o Parecer CNE/CEB nº 11/2000 que engendrou essa modalidade de ensino na educação básica.

Em relação ao conteúdo ministrado na EJA não estar adequado à realidade de seu público, há a seguinte crítica:

Historicamente, a oferta da EJA tem sido pequena, restrita ao turno da noite e com um conteúdo concebido, por muitos como o resumo daquele destinado às crianças e aos adolescentes. As dificuldades para consolidar-se como modalidade de ensino envolvem desde a oferta pública regular de vagas ao reconhecimento das suas especificidades, como por exemplo, a adoção de um currículo diferenciado, adequado a jovens e adultos, melhorando as condições de oferta e de permanência dos estudantes da classe trabalhadora no espaço escolar (VENTURA; OLIVEIRA, 2020, p. 81).

Os autores continuam explicitando que a dificuldade que houve para fortalecer a EJA como uma modalidade de ensino se deve ao fato de disponibilizar as vagas, principalmente ofertando um currículo que atenda às demandas e a realidade de seu público, para que essa oferta dessa modalidade consiga propiciar que seu aluno permaneça no espaço escolar. Os autores criticam o fato da EJA ter sido relegada a um segundo plano tratando-se das políticas públicas referentes à educação básica.

Os programas voltados a EJA abrangem um público heterogêneo, com perfil diferenciado em relação à idade, origem, expectativas e comportamento. Em geral, frequentam EJA jovens e adultos historicamente excluídos, seja pela impossibilidade de acesso à escola seja pela não continuidade do ensino regular ou supletivo. A prioridade à educação de crianças e adolescentes, porém, tem direcionado uma política de marginalização das ações para EJA que, cada vez mais, ocupam lugar secundário no interior das políticas educacionais (ALMEIDA, 2016, p. 4).

É imprescindível relatar que o número de brasileiros com mais de 15 anos que não concluíram a educação básica é enorme. Diante de tais dados, faz-se importante que o governo

tome medidas que contemplem essa modalidade de ensino de forma efetiva, nesse sentido, fazendo com que seja de fato uma demanda de importância do governo (VENTURA; OLIVEIRA, 2020).

O autor Lima (2016) em seu artigo “A EJA no contexto de uma educação permanente ou ao longo da vida: mais humanos e livres, ou apenas mais competitivos e úteis?” traz uma discussão interessante ao atrelar a educação de jovens e adultos com a educação ao longo da vida, do inglês *Life Long Learning*. O autor defende a ideia de que essa educação ao longo da vida tem sido preponderante tanto nos espaços escolares como nos não escolares, no entanto estando à mercê da economia no novo capitalismo, para que as pessoas atinjam a empregabilidade e impulsionem a economia com a competitividade.

Nos últimos anos, o conceito de ‘aprendizagem ao longo da vida’ foi assumido pelos discursos políticos, no contexto de grandes organizações internacionais, da União Europeia e dos governos dos respectivos Estados-membros como categoria dominante. Num contexto marcado pela defesa da reforma neoliberal do Estado de bem-estar social, dando lugar à responsabilização de cada indivíduo pela construção do seu portfólio competitivo de competências, visando o ajustamento de cada um às necessidades de uma economia e de um mercado de trabalho crescentemente desregulados, o conceito de educação foi frequentemente retirado dos discursos políticos e pedagógicos, para dar lugar a novas categorias emergentes como qualificações, competências, habilidades economicamente valorizáveis (LIMA, 2016, p.16-17).

O autor continua afirmando que essa educação permanente chamada também de “ao longo da vida” passou por uma ressignificação, no sentido de ter deixado para trás suas convicções e também o seu slogan de propiciar uma igualdade de oportunidades, além de incentivar uma educação democrática, do povo. O autor continua explanando que a educação permanente ficou submetida à apenas à utilidade sendo com regularidade equivocada a uma escolarização permanente entre outros.

A proposta curricular da Educação de Jovens e Adultos (EJA) – Ação Educativa/MEC/Unesco, 1997 – que surgiu nos anos 1990, teve como objetivo orientar a elaboração de planos de ensino voltados à educação de jovens e adultos, e se baseava nos estudos mais recentes da área, que consideravam o aluno como sujeito ativo do processo de ensino e aprendizagem e levava em consideração seu espaço, suas experiências. É a partir desse olhar que o documento propôs atividades e projetos, buscando manter o elo entre o ambiente escolar e o espaço social mais amplo (ALBUQUERQUE; FERREIRA, 2008, p. 426).

Arroyo (2007) afirma que o emprego na área informal aumentou, acarretando dessa forma a redução do número de pessoas desempregadas. Ele enfatiza que boa parte desse público da área informal é oriundo da EJA, assim sendo, os jovens estão indo procurar trabalho informal devido não encontrar um formal, isso quer dizer que quando finalizam uma etapa da educação básica, procuram sobreviver da maneira como dá, isto é o trabalho informal que lhe propicia essa sobrevivência de imediato. Ele critica que esses jovens e adultos ficam com a insegurança como renda, visto que um indivíduo que trabalha de forma informal não possui os direitos daquele que possui uma carteira assinada. O autor acredita que é importante ter foco, no sentido que o trabalhador que assim que terminou uma etapa da educação básica na modalidade EJA, não pode pegar para si o que aparecer, pelo contrário, tem que ter um norte, um objetivo de onde se quer chegar, o que se quer alcançar para definir o seu horizonte.

Nesse modelo de trabalho não formal, de trabalho informal, onde a maior parte dos jovens e adultos que estudam na EJA estão, essa esperança se perde. Não se vive da esperança de um futuro, tem que se viver é dando um jeito no presente. O presente passa a ser mais importante do que o futuro. Isso traz consequências muito sérias para a educação, porque a educação sempre se vinculou a um projeto de futuro. Inclusive, penso que esses mesmos jovens que acodem a EJA ainda sonham que através da educação terão outro futuro. Mas o problema é que eles podem também estar enganados, ou ser enganados pela escola e levados a se esquecerem que a ideia do futuro se perdeu e que o agora, o presente incerto, substitui o futuro. O futuro se distanciou e o presente cresceu. Isso é muito típico das vivências do tempo da juventude popular (ARROYO, 2007, p. 8).

A crítica continua quando o autor explica que o objetivo do futuro fica de lado, enquanto o do presente cresce, pois para ele uma coisa é se preparar para o futuro e outra bem diferente é se planejar para sobreviver a um presente. Diante desse cenário, é que se faz preciso que o discurso em torno da educação se modifique, visto que a EJA é uma porta aberta aos jovens e adultos para o futuro e com essa realidade, mudaria para que o cidadão tenha uma dignidade provisória no presente. O autor continua o seu pensamento ao questionar quais são as formas de trabalho informal que esses jovens e adultos estão relacionados. As estatísticas apontam que a taxa de crescimento de emprego não foi alterada, continua estagnada, pois há milhares de pessoas na fila por uma oportunidade de emprego formal podendo outras pessoas passar na frente dos alunos da EJA, assim sendo, podendo ficar no emprego informal por muitos anos, senão a vida toda. A isso o autor dá o nome de vulnerabilidade na sua forma de viver, uma vez que para esse público da EJA viver compreende ter uma renda fixa e uns poucos trocados, sendo a incerteza a base de seu viver.

Considerações finais

O intuito desse artigo foi analisar a importância da aprendizagem ao longo da vida como uma ferramenta de trabalho para a educação de jovens e adultos. Tanto os caminhos de uma e outra se entrelaçam na aprendizagem dos adultos, no sentido de que na EJA estão as pessoas que não tiveram oportunidades em ter uma educação em idade própria, agora o tenham e assim sendo, caminha então para ter uma aprendizagem ao longo da vida, visto que a sua realidade, assim como na EJA deverá ser levada em consideração e o professor/facilitador terá de encontrar os meios possíveis para que essa aprendizagem ocorra, sobretudo colocando a realidade do aluno como ponto de partida.

É o professor o indivíduo que irá guiar seus alunos para que atinjam o aprendizado esperado para o nível em que cada aluno está, nesse sentido faz-se necessário que a história de vida de cada discente seja levado em consideração, visto que já possuem um conhecimento prévio, isto é uma bagagem de vida. Assim sendo, é somente quando a necessidade emergencial do aluno é suprida é que o aluno consegue transformar a sua própria realidade, fator que é imprescindível considerar para que de fato a aprendizagem ocorra.

Entendemos a importância da educação de jovens e adultos e a aprendizagem ao longo da vida estejam embasadas nos princípios de cidadania e emancipação, para que os indivíduos que dela façam parte possam alcançar tais direitos para transformar a sua realidade.

Referências

ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de; FERREIRA, Andréa Tereza Brito. A construção/fabricação de práticas de alfabetização em turmas de educação de jovens e adultos (EJA). **Educação**, v. 33, n. 3, p. 425-439, 2008. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1171/117117076005.pdf>. Acesso em: 23 maio 2023.

ALCOFORADO, Luís; VIEIRA, Maria Coimbra. A educação de pessoas adultas como promotora da igualdade de oportunidades entre homens e mulheres: algumas reflexões. **Revista Portuguesa de Pedagogia**, p. 173-193, 2007. DOI: https://doi.org/10.14195/1647-8614_41-3_8. Disponível em: https://impactum-journals.uc.pt/rppedagogia/article/view/1647-8614_41-3_8/661. Acesso em: 27 fev. 2023.

ALMEIDA, Adriana de. EJA: uma educação para o trabalho ou para a classe trabalhadora? **Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos**, v. 4, n. 8, p. 129-147, 2016.

ARROYO, Miguel. Balanço da EJA: o que mudou nos modos de vida dos jovens-adultos populares. **REVEJ@ - Revista de Educação de Jovens e Adultos**, v. 1, p. 1-108, 2007.

DELORS, Jacques. **Educação um tesouro a descobrir**: relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

DI PIERRO, Maria. Clara. Notas sobre a redefinição da identidade e das políticas públicas de educação de jovens e adultos no Brasil. **Educação e Sociedade**, v. 26, n. 92, p. 1115-1139, out., 2005. DOI <https://doi.org/10.1590/S0101-73302005000300018>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/mbngdHjkWrYGVX96G7BWNrg/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 26 fev. 2023.

GADOTTI, Moacir. **Educação popular e educação ao longo da vida**. São Paulo: Acervo Paulo Freire, 2016. Disponível em: http://acervo.paulofreire.org:8080/jspui/bitstream/7891/10020/2/FPF_PTPF_01_0470.pdf. Acesso em: 24 fev. 2023.

LIMA, Licínio C. A EJA no contexto de uma educação permanente ou ao longo da vida: mais humanos e livres, ou apenas mais competitivos e úteis?. In: NACIF, P. G. S. et al. (org.). **Coletânea de textos CONFITEA Brasil+6**: tema central e oficinas temáticas. Brasília: MEC, 2016, p. 15-25.

MARTINS, Rose Mary Kern. Pedagogia e andragogia na construção da educação de jovens e adultos. **Revista de Educação Popular**, v. 12, n. 1, p.143-153, 2013. DOI: <https://doi.org/10.14393/REP-v12n12013-rel04>. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/20331/12520>. Acesso em 23 fev. 2023.

NOGUEIRA, Sônia Mairos. A andragogia: que contributos para a prática educativa? **Linhas**, v. 5, n. 2, p.1-23, 2004. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1226/1039>. Acesso em: 22 fev. 2023

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Reflexões acerca da organização curricular e das práticas pedagógicas na EJA. **Educar em Revista**, n. 29, p. 83-100, 2007. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/er/n29/n29a07.pdf>. Acesso em: 27 fev. 2023.

RODRIGUES, Francisco das Chagas Alves; MOURA, Maria da Glória Carvalho. Aprendizagem no contexto da modalidade educação de jovens e adultos (EJA): uma reflexão à luz da andragogia. **PerCursos**, v. 17, n. 34, p. 112-133, 2016. DOI: <https://doi.org/10.5965/1984724617342016112>. Disponível em: https://www.revistas.udesc.br/index.php/percursos/article/view/1984724617342016112/pdf_58. Acesso em: 20 fev. 2023.

SANTOS, Wendel Souza. Andragogia e a educação de idosos, jovens e adultos. **Alumni - Revista Discente da UNIABEU**, v. 4, n. 7, p. 38-47, 2016. Disponível em: <https://revista.uniabeu.edu.br/index.php/alu/article/view/2172/1648>. Acesso em: 19 fev. 2023.

SITOE, Reginaldo Manuel. Aprendizagem ao longo da vida: um conceito utópico? **Comportamento Organizacional e Gestão**, p. 283-290, 2006. Disponível em: <https://repositorio.ispa.pt/handle/10400.12/142>. Acesso em: 18 fev. 2023.

VENTURA, Jaqueline. Educação ao longo da vida e organismos internacionais: apontamentos para problematizar a função qualificadora da Educação de Jovens e Adultos. **Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos**, v. 1, n. 1, p. 29-44, 2013 Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/educajovenseadultos/article/view/242>. Acesso em: 17 fev. 2023.

VENTURA, Jaqueline Pereira; OLIVEIRA, Francisco Gilson. A travessia “do EJA” ao Encceja: será o mercado da educação não formal o novo rumo da EJA no Brasil? **Revista Internacional de Educação de Jovens e Adultos**, v. 3, n. 5, p. 80-97, 2020.

Sobre as autoras

Márcia Cici Romero: Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia/UFU.

E-mail: marciacromero@yahoo.com.br

Maria Cristina Santos de Oliveira Alves: Professora Doutora pela Universidade Federal de Uberlândia.

E-mail: cristinasoa@yahoo.com.br

Sônia Maria dos Santos: Professora Titular aposentada na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia/UFU.

E-mail: soniaufu@gmail.com